



PODER JUDICIÁRIO
TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Registro: 2025.0000430078

ACÓRDÃO

Vistos, relatados e discutidos estes autos de Apelação Cível nº 1025186-80.2024.8.26.0482, da Comarca de Presidente Prudente, em que é apelante BRADESCO AUTO/RE COMPANHIA DE SEGUROS, é apelado ENERGISA SUL-SUDESTE DISTRIBUIDORA DE ENERGIA S/A.

ACORDAM, em sessão permanente e virtual da 36ª Câmara de Direito Privado do Tribunal de Justiça de São Paulo, proferir a seguinte decisão: **Negaram provimento ao recurso. V. U.**, de conformidade com o voto do relator, que integra este acórdão.

O julgamento teve a participação dos Desembargadores LIDIA CONCEIÇÃO (Presidente sem voto), PEDRO BACCARAT E WALTER EXNER.

São Paulo, 30 de abril de 2025.

ARANTES THEODORO

Relator(a)

Assinatura Eletrônica

APELAÇÃO 1025186-80.2024.8.26.0482
APELANTE Bradesco Auto/RE Companhia de Seguros
APELADO Energisa Sul-Sudeste Distribuidora de Energia S.A.
COMARCA Presidente Prudente – 1ª Vara Cível

VOTO Nº 52.308

EMENTA – Prestação de serviço. Danos em equipamento elétrico. Ação regressiva de indenização securitária. Autora que apresenta prova de terem sido os danos causados por oscilação da corrente elétrica, mas não que isso tenha ocorrido em face da rede externa, sob a responsabilidade da concessionária. Demandada que não admite anormalidade daquela ordem. Nexo etiológico entre os danos e falha no serviço não caracterizado. Ação improcedente. Apelação não provida.

Cuida-se de apelação contra sentença que julgou improcedente ação regressiva ajuizada por seguradora contra a concessionária atinente à indenização paga a segurado em razão de dano causado a equipamento por oscilação da energia elétrica.

A autora insiste na procedência da ação

Para tanto ela afirma não se justificar a improcedência da ação porque estava provado por documentos que o dano nos equipamentos decorreu de variação de tensão na rede elétrica, não tendo a concessionária demonstrado o contrário.

A isso a recorrente acrescenta que a prova pericial se mostrava inviável e desnecessária no caso presente; que a

ocorrência noticiada não correspondia a excludente de responsabilidade do caso fortuito ou força maior; que a responsabilidade da concessionária é objetiva e que ao caso se aplicava o regramento consumerista e a inversão do ônus da prova, o que impunha julgar procedente a ação e condenar a demandada ao pagamento da indenização com juros e correção monetária desde o desembolso, além das verbas de sucumbência.

Recurso regularmente processado e respondido, sendo preconizado o não conhecimento.

É o relatório.

I Inobstante a certidão de fls. 400, conhece-se do recurso por não se cuidar de diferença de preparo de valor ínfimo, que deve, no entanto, ser recolhido ao final pela vencida pena de inscrição na dívida ativa.

Certo, ainda, que se cuida de apelação tempestiva e bem ou mal nela a litigante aponta os motivos pelos quais espera a reforma da sentença, tendo com isso dado cumprimento ao artigo 1.010 incisos II e III do CPC.

Razão não há, destarte, para dizer presente ofensa ao princípio da dialeticidade e em face disso deixar de conhecer da apelação.

II A ação foi proposta sob a assertiva de que a autora indenizou seu segurado pelos danos sofridos por equipamentos elétricos em razão de variação da tensão da energia elétrica fornecida pela demandada.

Note-se que o fato de o segurado não ter

reclamado o ressarcimento dos danos diretamente à concessionária, como permitia a Resolução ANEEL 414, não impunha negar o direito à indenização, nem dizer incorrente os sinistros.

Com efeito, cuidava-se de opção do consumidor acionar a concessionária ou desde logo reclamar o ressarcimento prometido por sua seguradora, tendo ele aqui optado por essa segunda providência.

Certo, ainda, que conforme o artigo 5º inciso XXXV da Constituição da República o exercício do direito de ação nem se condiciona à prévia postulação administrativa.

Ora, os documentos que a seguradora acostou à petição inicial indicavam o local e a data do sinistro, individualizavam os equipamentos danificados e atribuíam os danos à “tensão elétrica” (fls. 111 e seguintes).

A rigor motivo algum havia para se colocar em dúvida a veracidade daquelas informações, a tanto não bastando a só particularidade de se cuidar de documentos elaborados a interesse do próprio segurado.

O fato, contudo, é que referidas peças não davam prova de que a noticiada oscilação da corrente ocorreu especificamente na rede elétrica externa, de responsabilidade da concessionária.

Aquela revelação era fundamental, eis que sem isso não se podia dizer que os danos foram causados por falha do serviço prestado pela ré.

Pois conforme o artigo 373 do Código de Processo Civil cabe ao autor provar o fato constitutivo de seu direito (inciso I) e ao réu demonstrar fato impeditivo, modificativo ou extintivo daquela situação (inciso II).

Dessa forma, na espécie cabia à autora provar que os aparelhos dos segurados foram danificados por oscilação da corrente elétrica externa e à ré, em contrapartida, demonstrar que não ocorreu irregularidade daquela ordem na rede de sua responsabilidade, isto é, na rede elétrica externa, que abastecia os imóveis.

Nesse contexto não tinha lugar a inversão do ônus da prova, medida que seja pela lei comum (artigo 373 § 1º do CPC), seja pela lei consumerista (artigo 6º inciso VIII do CDC) só se justifica quando a parte esteja compreensivelmente impossibilitada de produzir prova de sua alegação, situação que aqui não se apresentava.

Nesse sentido, aliás, já se manifestou essa Corte em caso similar:

“Agravo de instrumento. Ação regressiva. Inversão do ônus da prova. Não é vulnerável ou hipossuficiente a parte que deduz pretensão alicerçada em parecer técnico de empresa especializada. Alegação desprovida de verossimilhança. Ausência de hipótese legal para a inversão do ônus da prova, nos termos pretendidos. R. decisão mantida. Recurso não provido.” (AI 2064325-86.2019.8.26.0000, Rel. Roberto Mac Cracken).

De lembrar que, como é de conhecimento comum, queima de aparelhos conectados à eletricidade pode ocorrer também em face de uma imensa gama de problemas na rede interna do imóvel, assim como por falha dos receptores de energia dos próprios aparelhos, ocorrências absolutamente estranhas à atuação da concessionária e pelas quais, por isso, ela não responde.

E a rebater hipótese aventada pela autora havia a informação veiculada em defesa de que não houve naquela data qualquer registro de falha da corrente elétrica na rede externa, informação essa que veio acompanhada das telas de seu sistema (fls. 225).

Aquela informação não podia ser desprezada, consigne-se, porque como toda concessionária daquele segmento a ré fazia uso de sistema auditado que registrava automaticamente as anormalidades que viessem a ocorrer, inexistindo razão, destarte, para se negar fé àquela informação.

Registre-se, a propósito, que o exame pericial do aparelho ou mesmo a vistoria do imóvel àquela altura não permitiria aferir a causa primária do problema, mas quando muito confirmar que fora de ordem elétrica.

Assim, forçoso era mesmo reconhecer não provado pela autora o nexo entre o dano e o serviço prestado pela ré, o que desautorizava a procedência da ação.

Constatação em nada abalada pela evocação do Código de Defesa do Consumidor, do Código Civil, da Lei de Concessões e mesmo do regime da responsabilidade objetiva previsto na Constituição da República, eis que mesmo sob esse enfoque mostra-se imprescindível a prova do nexo entre o dano e a conduta omissiva ou comissiva da concessionária.

Nos termos do artigo 85 § 11 do Código de Processo Civil, impõe agravar a condenação da recorrente em honorários advocatícios, que passa a R\$ 1.200,00.

Em suma, nega-se provimento ao recurso.

(assinado digitalmente)

ARANTES THEODORO

Relator